

OBA NIJÔ, LITERATURA ODARA OBA NIJÔ, LITERATURE OF ODARA

Marco Aurélio Luz¹

Resumo: Esta resenha analisa a importância histórica do livro infantil afro-brasileiro “Oba Nijo, O rei que dança pela liberdade”. Destaca na obra a história da presença do negro baiano na luta pela liberdade através de um fato, a insurgência e revolta nas armadilhas de pesca de Itapuã no século XIX, liderada por Francisco admirado como grande dançarino segundo as notícias oficiais... O “fato histórico” é envolvido pela imaginação criativa dos valores e linguagens da tradição afro-brasileira. É a poética que vai constituir a narrativa do livro Oba Nijô. Enfatiza a atmosfera da alusão à iniciação aos poderes da religião, que embeleza a narrativa apresentando encantadoras fantasias e todo um imaginário de encantamento poético que emerge dos vínculos de sociabilidade característicos das comunalidades africano-brasileiras.

Palavras-chave: *Arkhé*. Comunalidade Africano-Brasileira. Dança. Literatura Infantil Juvenil.

Abstract: This article analyzes the historic importance of the Afro-Brazilian children’s book Oba Nijo, the King that Danced for Freedom”. One of the noteworthy characters in the story is a black Bahian that fights for freedom in the real historical context of the revolt and insurgency of the fisheries of Itapuã in the 19th Century, which was led by Francisco, a widely known and admired dancer. This historical figure is transformed in the imagination of the author using the values and creative language of the Afro-Brazilian. These poetics form the narrative of the book “Oba Nijô”. There is emphasis on the atmosphere surrounding initiation into the powers of the religion, which embellishes the story with enchanting fantasies, and poetic sensibilities, which are tightly aligned with the social characteristics of the Afro-Brazilian collectivism.

Keywords: *Arkhé*. African-Brazilian collectivism. Dance. Children’s Literature.

Em Oba Nijô, O Rei que Dança Pela Liberdade, Narcimária do P. Luz nos leva a dar um passeio pela história da presença do negro baiano na luta pela liberdade através de um fato, a insurgência e revolta nas armadilhas de pesca de Itapuã no século XIX.

Baseado num fato histórico de descrição nua e crua dos arquivos policiais, o historiador em geral procura historiar o acontecido “cientificamente” dentro dos cânones materialistas empiristas.

¹ Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito UFRJ; Doutor em Direito do Trabalho, pela Faculdade de Direito UFRJ; Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ; Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação UFRJ; Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação UFRJ; Pós-Doutorado em Ciências Sociais Paris V- Sorbonne.

Não é esse o caminho de Narcimária para nos contar essa história que será então uma outra história. É a história que leva em conta a realidade do universo simbólico afro brasileiro.

O universo simbólico é oriundo do pensamento e das formas de comunicação da religião tradicional africana transposta para a Bahia e para o Brasil.

A religião é a fonte da civilização e das culturas africanas. É através da religião que a gente encontra conforto para aplacar a angústia existencial diante do mistério da existência.

A religião nagô como conhecemos aqui na Bahia tem no conceito de axé a base de sua cosmogonia e de sua liturgia. O axé se constitui de elementos do mundo mineral, animal e vegetal, sacramentados que formam a força espiritual contida, sobretudo nas oferendas, que proporciona o bom desenvolvimento dos destinos, tanto individuais quanto comunitários.

A circulação de axé entre o aiye e o orun, esse mundo e o além, caracteriza a restituição contínua que permite o reforço da força espiritual e promove a relação entre os vivos e as entidades. Esse processo constitui o âmago da religião.

Na tradição afro baiana, a religião possui três aspectos; o culto aos ancestrais, os Esa e Baba Egun, o culto aos princípios da natureza, os orixá, e o oráculo e seus processos de avaliação dos destinos.

A liturgia proporciona então a comunicação entre esse mundo, o aiye, e o além, o orun. Na liturgia sobressai a noção de odara que significa bom e bonito simultaneamente. Assim a forma de comunicação que caracteriza o contexto ritual vem revestida de códigos e cânones estéticos que magnificam o sagrado.

Na tradição religiosa africana, a comunicação é direta, intergrupar ou interpessoal e nesse contexto diversos códigos estéticos se combinam num aqui e agora. Assim, música, dança, vestuário, paramentos, emblemas, concorrem para a ação ritual e para a realização da cosmogonia.

A dança ocupa lugar de relevância. Quando Baba Egun, o ancestral masculino está presente na comemoração ritual ele pergunta para os fiéis: -sirê oto ko sirê? Todos respondem animados: - sirê Baba! Irê em yoruba significa felicidade, então sirê, se irê é fazer felicidade. A essa resposta entoa-se a cantiga pertinente, a orquestra ritual percussiva acompanha

com o ritmo adequado e o Baba começa a dançar no seu estilo. Faz-se felicidade, reina a alegria.

No culto aos orixá as danças, combinações de ritmo e gestos, juntamente com outros códigos estéticos, simbolizam os princípios regentes do universo que constituem a cosmogonia.

Então na tradição africana a dança é forma de comunicação imprescindível na dinâmica do sagrado.

Desse contexto ela se desdobra e caracteriza importante aspecto das culturas que compõem a civilização africana.

Um sacerdote grande dançarino, ou uma sacerdotisa grande dançarina, são muito admirados, pois além de possuírem o dom, o talento ou pé de dança, expressam profundos conhecimentos dos fundamentos e da visão de mundo que constituem as identidades e identificam a pertença ao grupo.

Aqui na Bahia e em outros recantos do Brasil, em certos momentos de alegria compartilhada acontece o samba de roda. A comunidade reunida forma a roda ao som da música, então uma ou mais participantes é convidada a entrar na roda e exibir de acordo ao samba a sua dança, sua coreografia. Desprende-se para o centro da roda e mostra através da dança sua individualização e retorna a sua pertença grupal.

Muitos dos prisioneiros de guerra que vieram da Costa Ocidental da África no século XIX eram religiosos conhecedores dos preceitos sagrados. Isso porque são eles que detêm em última instância o poder dos guerreiros. Então eles eram muito visados para serem capturados e enviados para o Brasil e outras paragens das Américas.

Assim aqui chegaram aqueles que seriam os fundadores das instituições religiosas que garantiram a reposição e continuação do processo civilizatório africano no Brasil e especificamente na Bahia.

Na tradição ioruba a história é contada e cantada em versos pelo Arokin responsável pela memória coletiva de um reino como Ketú por exemplo. É uma forma característica da noção de Odara que constitui a cultura nagô ioruba. Odara quer dizer bom e bonito, útil e belo simultaneamente.

Então Narcimária C. do P. Luz não se afasta desse cânone para nos apresentar a história de Francisco Oba Ijo o rei da dança que juntamente com sua mulher e companheira Francisca Ade Bu mi lideraram uma luta pela liberdade em Itapuã na Bahia.



Em seu livro ABEBE, ela já anunciara; “é necessário que o corpo saia da inércia e vibre com o ritmo do cosmo.” O “fato histórico” é envolvido pela imaginação criativa dos valores e linguagens da tradição afro-brasileira. É a poética que vai constituir a narrativa de Narcimária. É a atmosfera da alusão à iniciação aos poderes da religião, que permite a autora embelezar seu texto com encantadoras fantasias.

É todo um imaginário de encantamento poético que emerge dos fatos e torna-os mais reais.

Alguém pode duvidar do efeito político da poesia “O Navio Negroiro” de Castro Alves. Estamos na Bahia.

Assim a luta pela liberdade deverá se caracterizar pelos fundamentos da capoeira; que contém simultaneamente, aspectos de religião, invocação à ancestralidade, preparação e pedidos de proteção, gestos rituais, valor da tradição e antiguidade, hierarquia com base nas iniciações, os nomes simbólicos, o conjunto de música percussiva, o berimbau, o repertório pertinente das cantigas, a ordem hierárquica da roda, saudações, técnica de sucessão de golpes baseada na ginga, segredos, mandingas...

Enfim, é esse contexto cultural que envolve o texto de Narcimária que o torna belo e bom, Oda-ra, como acontece com as legítimas filhas e mães de Itapuã, mães e filhas da Bahia e do Brasil.